

CURSOS DE FORMAÇÃO, ENSINO REMOTO E O CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

TRAINING COURSES, REMOTE EDUCATION AND THE COVID-19 PANDEMIC CONTEXT IN BRAZIL

CURSOS DE FORMACIÓN, EDUCACIÓN REMOTA Y EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA COVID-19 EM BRASIL

Mateus Léssio Diniz¹

Resumo

A pandemia do vírus Sars-cov-2, impôs uma nova dinâmica nas relações sociais no Brasil e no mundo, acarretando mudanças estruturais em diversos setores da sociedade. O presente relato busca a partir de experiências pessoais vivenciadas pelo autor, analisar o quanto as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação tiveram papel fundamental na divulgação e no fomento de cursos de formação, desenvolvidos em conjunto com importantes instituições de ensino e universidades brasileiras durante o período de isolamento. O artigo tem por objetivo contextualizar as mudanças do cenário brasileiro referente a educação e ao trabalho, além de apresentar três cursos de formação desenvolvidos durante o segundo semestre de 2020, no intuito de contribuir com o debate acerca da importância das TDICs em tempos de crise sanitária.

Palavras-chave: Sars-CoV-2, Internet, Cursos de formação, Geografia, Ensino.

Abstract

The pandemic of the Sars-cov-2 vírus, imposed a new dynamic in social relations in Brazil and in the world, causing structural changes in several sectors of society. This report seeks, based on personal experiences lived by the author, to analyse how much the Digital Information and Communication Technologies met played a fundamental role in the dissemination and promotion of training courses, developed in conjunction with important Brazilian educational institutions and universities during the period of isolation. The article aims to contextualize the changes in the Brazilian scenario regarding education and work, in addition to presenting three training courses developed during the second half of 2020, in order to contribute to the debate about the importance of DICTs in times of health crisis.

Keywords: Sars-CoV-2, Internet, Training courses, Geography, Teaching.

Resumen

La pandemia del vírus Sars-cov-2, impuso una nueva dinámica en las relaciones sociales en Brasil y en el mundo, provocando cambios estructurales em vários sectores de la sociedade. El presente informe busca, a partir de las experiencias personales vividas por el autor, analizar em qué medida Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación jugó un papel fundamental em la difusión y promoción de los cursos de formación, desarrollados em conjunto com importantes instituciones educativas y universidades brasileñas durante el período de aislamiento. El artículo tiene como objetivo contextualizar los cambios em el escenario brasileño em matéria de educación y trabajo, además de

¹ Graduado em Bacharelado e Licenciatura em geografia pela Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP-Brasil. Email: mateus2552@gmail.com

presentar três cursos de formação desenvolvidos durante el segundo semestre de 2020, com el fin de contribuir al debate sobre la importancia del TDICs en tempos de crisis de salud.

Palabras clave: Sars-CoV-2, Internet, Cursos de formación, Geografía, Docencia.

1 Introdução

Nesse presente relato, exponho parte das experiências pessoais vividas durante a pandemia da Sars-coV- 2, buscando abordar os desafios e limitações relacionados as práticas de ensino associadas ao contexto pandêmico. O escrito apresenta-se como um exercício de caráter descritivo, no qual procuro expor atividades exercidas durante o isolamento social mediante a nova realidade do ensino remoto.

No primeiro bimestre de 2020, conclui os cursos de bacharelado e licenciatura em geografia pela Universidade de São Paulo. A procura do primeiro emprego no campo educacional, tive minhas expectativas frustradas mediante o avanço do vírus no Brasil. Parte dos concursos públicos municipais e estaduais foram cancelados e as instituições de ensino privada, em sua maioria, suspenderam a contratação de novos funcionários.

Na tentativa de me reajustar as novas circunstâncias, busquei participar de cursos de formação em plataformas digitais, no intuito de me aprofundar acerca de temáticas pertencentes as ciências geográficas, que pudessem ser utilizadas na minha prática docente em sala de aula *a posteriori*.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é relatar minha participação nos cursos de formação via online no decorrer do segundo semestre de 2020, no intuito de descrever as mudanças pedagógicas, experiências e limitações sentidas perante o ensino remoto. O trabalho tem por finalidade contribuir através de um relato pessoal acerca da importância da participação de cursos de formação durante o período de isolamento, observando o grande potencial das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação² na oferta de dinâmicas de especialização e formação profissional.

No relato contextualizo o cenário atual e descrevo parte dos cursos desenvolvidos durante o período de confinamento, registrando as mudanças nas práticas pedagógicas e das características estruturais das dinâmicas realizadas. Para tanto, o texto foi dividido em duas partes: em um primeiro momento busco salientar uma reflexão sobre a realidade atual brasileira inserida na lógica do distanciamento social, e em segunda instância, relato as experiências pessoais constituídas diante do ensino remoto.³

² Refere ao conjunto de tecnologias digitais que permite a associação de diversos ambientes e pessoas por meio de dispositivos, equipamentos, programas e mídias. Disponível em: [<https://sae.digital/tdic-no-ambiente-escolar/>] Acesso em: 13 jan. 2021.

³ Buscou-se na pesquisa utilizar o termo ensino remoto, apresentado por António Moreira e Schlemmer: O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes

2 Transformações no trabalho e na vida cotidiana no contexto pandêmico

Durante o ano de 2020, o mundo foi acometido por uma das maiores crises de saúde pública da história. Ainda no primeiro bimestre, começava a ser exibido pelas plataformas midiáticas, informações sobre um novo patógeno que estava se dispersando pelos habitantes da até então, pouco mencionada, cidade chinesa de Wuhan.

A comunidade científica então, noticiava as primeiras informações sobre o vírus Sars-CoV-2, conhecido popularmente como coronavírus. Numa corrida em busca do sequenciamento genético, no intuito de desenvolver um antídoto capaz de barrar seu avanço, as dinâmicas globais se reajustaram em torno de uma doença até então pouco conhecida. Tempos depois, os índices de contaminação passaram da escala local, para escala global, atingindo países em todos os continentes, refletindo em mudanças drásticas de comportamento das populações e rígidos protocolos de segurança sanitária desenvolvidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Inseridos em uma sociedade em redes⁴ (2002, p.262), enquanto os fluxos de mercadoria, de pessoas e negócios associados ao contexto de globalização⁵ avançavam em ritmos normais, a circulação do microorganismo acabou atingindo um patamar de rápida disseminação mundial, não ficando restrito a uma única localidade, mas espalhando-se por territórios cada vez mais distantes.

Ao mesmo tempo que os variados setores da sociedade civil eram afetados pelo distanciamento social, as medidas de contenção tentavam frear a velocidade de elevação da doença. Ficar em casa, usar máscara e passar álcool em gel nas mãos, deixaram de ser apenas medidas profiláticas, para tornarem-se regras cruciais de responsabilidade social.

A normalidade da vida cotidiana começava a ser substituída por uma quarentena que não cessava, e ações comuns do dia a dia, tornaram-se atitudes de grande risco. Nesse contexto, as cidades, importantes receptáculos da troca e das expressivas aglomerações, esvaziavam-se, tendo em vista uma significativa diminuição dos leitos de UTI voltados para pessoas acometidas pela doença. O corpo precisou se isolar socialmente dos espaços públicos, as práticas de

e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (ANTÓNIO MOREIRA; SCHELEMMER, 2020, P.8)

⁴ As definições e conceituações se multiplicam, mas pode-se admitir que se enquadram em duas grandes matrizes: a que apenas considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, onde é também levado em conta o dado social. A primeira atitude leva a uma definição formal, que N. Curien (1988, p.212) assim retrata “toda infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre m território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação”(SANTOS, 2002).

⁵ Se o “mundo”, hoje, torna-se ativo sobretudo por via das empresas gigantes, essas empresas globais produzem privatisticamente suas normas particulares, cuja vigência é, em geral e sob muitos aspectos, “indiferente” aos contextos que vêm inserir-se. Por sua vez, os governos “globais”, por exemplo, o Banco mundial e o Fundo Monetário Internacional, cuidam de interesses “globais” (SANTOS, 2002).

trabalho e de estudo *online* tornaram-se supostamente o “novo normal” e os objetivos traçados para o ano de 2020, foram aos poucos frustrados.

Tendo em vista a importância do isolamento social no contexto pandêmico, a Covid-19, por sua vez, explicitou as desigualdades de classe e renda existentes no urbano, dividindo a população em dois grandes grupos: os que podem ficar em casa, e os que não podem. Em busca do “pão de cada dia”, uma expressiva parcela da população brasileira se arriscou e ainda se arrisca nos transportes coletivos lotados, nas ruas movimentadas do centro e principalmente nas filas das agências da Caixa Econômica em busca do auxílio emergencial. A geógrafa Carlos (2020, p.14), a partir do projeto desenvolvido durante a pandemia “Covid 19 e a Crise Urbana”, reitera:

O plano da vida cotidiana é o lugar da imposição do poder da riqueza e da ordem planejada do espaço e do tempo, porém atingindo diferencialmente os membros da sociedade. A cidade segregada salienta a justaposição entre a hierarquia social (promovida pela desigualdade dos indivíduos numa sociedade de classes) e uma hierarquia espacial (a localização e os acessos desiguais aos usos dos espaços-tempos da vida urbana), indicando o modo como se realizará a quarentena, momento no qual a cidade passa a ser o espaço do interdito.

Com a diminuição das vagas de emprego e o fechamento massivo de comércios locais, o desemprego evidenciou um cenário de crise profunda nas metrópoles de todo país. Diante do panorama atual, o Instituto Semesp realizou um estudo para entender o comportamento do mercado de trabalho em meio ao período de isolamento social, a fim de diagnosticar a evolução dos indicadores de empregabilidade no Brasil. Segundo a instituição:

A nova estimativa sinaliza um momento mais complicado para o mercado de trabalho devido à crise da Covid-19. De acordo com o IBGE, a taxa de desocupação (percentual de pessoas desocupadas da população economicamente ativa) no Brasil fechou 2019 em 11%, cenário animador se comparado aos anos anteriores (apresentando queda desde 2017). Já em 2020, esse percentual pode chegar a 16,7% nos próximos meses, o que representa cerca de 17 milhões de brasileiros desocupados.

Entre os setores atingidos pela pandemia de Covid-19, destaco como ponto fulcral, a educação. Sendo a escola, um lugar de trocas, de relações socioculturais e de convívio mútuo entre diferentes sujeitos sociais, esse espaço, apresentou muitos desafios durante o período de distanciamento, precisando se reajustar estruturalmente e pedagogicamente perante as novas dinâmicas impostas.

Com o amplo fechamento das instituições, as redes privadas de ensino tiveram seu orçamento afetado durante o segundo semestre de 2020. Com o baixo número de matrículas e uma expressiva saída de estudantes das escolas particulares, muitos professores do ensino infantil, fundamental e médio perderam seus empregos. Segundo dados apresentados pela

Federação Nacional de Escolas Particulares (FENEP)⁶ cerca de 300 mil docentes da educação básica já foram demitidos durante a pandemia.

Consequente, nas escolas estaduais e municipais, o impacto foi sentido principalmente nas mudanças pedagógicas e na adaptação dos docentes ao uso das TDICs e plataformas de ensino remoto. Com poucas instruções para o uso das novas tecnologias digitais, professores tiveram seus empregos acometidos pela precarização. Em relação aos discentes, a inserção de uma lógica educacional contraditória, deixou evidente as desigualdades socioeconômicas que cada realidade escolar está inserida. Muitos alunos desprovidos de recursos básicos, tiveram a continuidade de seus estudos escolares parcialmente afetados em meio a uma pronunciada exclusão digital. Segundo Filho:

É um arremedo de proposta pedagógica. Na prática, fere a docência na figura do professor e da professora que, não dominando devidamente aparatos de tecnologia, são conduzidos a trabalhar mais horas improvisando apresentações de slides para plataformas virtuais abertas; a expor sua prática e suas atividades em um ambiente totalmente novo, suas fragilidades documentadas, suas potencialidades negadas e interdidas por decisões de gabinete. Também é arremedo porque a prática educacional à distância, mesmo para seus defensores, exige que se repense a concepção de aprendizagem, da ação pedagógica, do currículo e dos próprios sujeitos do processo e não se constrói assim, de improviso. Há desigualdades explícitas também nesse aspecto (FILHO, 2020, p.6).

Numa sociedade desigual marcada pela diferenciação social dos corpos pautado na renda, grupos humanos distintos sentiram de formas diferenciadas os impactos causados pela pandemia.

No meu caso particular, inserido em um contexto privilegiado, tive a possibilidade de permanecer em casa na maior parte do tempo, sendo que as maiores dificuldades enfrentadas durante o isolamento social, foram relacionadas a minha inserção no mercado de trabalho. Formado em geografia e com o objetivo traçado de iniciar minha carreira docente no início do ano, o contexto socioeconômico e as novas dinâmicas impostas para a educação, impediram sua concretude.

Com o tempo passando, currículos de trabalho enviados para instituições sem uma resposta aparente, e a angústia sentida diante das notícias desanimadoras sobre o avanço da patologia, busquei em plataformas digitais⁷, recursos para alavancar minha formação nos estudos geográficos, com o intuito de apreender novas temáticas que pudessem ser utilizadas em sala de aula com os alunos futuramente, verificando o quanto a ciência geográfica pode

⁶ Disponível em: [<https://www.folhape.com.br/noticias/professores-de-escolas-privadas-foram-demitidos-na-pandemia/153012/>] Acesso em: 13 jan, 2021.

⁷ Plataformas digitais são modelos de negócios que funcionam por meio de tecnologias. Trata-se de um ambiente online que conecta quem produz a quem consome, permitindo uma relação de troca, muito além da simples compra e venda. Podem ser usadas para trabalho, lazer e entretenimento. Disponível em: [<https://neilpatel.com/br/blog/plataformas-digitais/#:~:text=Plataformas%20digitais%20s%C3%A3o%20modelos%20de,para%20trabalho%2C%20lazer%20e%20entretenimento>] Acesso em 15 jan. 2021.

auxiliar com suas temáticas e abordagens na compreensão da sociedade brasileira inserida na pandemia da Covid-19.

3 Procedimentos Metodológicos: Relato de experiência, as atividades de formação e o ensino remoto

O desenvolvimento de um relato pessoal, se apresenta como um importante meio de comunicação para expor parte das experiências realizadas durante o isolamento. O relato realiza-se como uma prática social associada as experiências vivenciadas por sujeitos em relação a determinados contextos, sendo assim, esse gênero textual utiliza “de uma estrutura que fortalece a identidade através da operação com reflexões sobre o próprio universo, propiciando ao sujeito voltar-se para si buscando a compreensão sobre seu eu” (ARAGÃO, 2016, p.13).

Nesse sentido, o relato de experiência reúne elementos que buscam retratar vivências praticadas pelo enunciador, e quando aplicado aos trabalhos acadêmicos, podem contribuir de forma relevante no resultado da pesquisa. Segundo Costa (2008, p.159), o relato pessoal, pode ser analisado como “uma narração não ficcional escrita ou oral sobre um acontecimento ou fato acontecido, feita geralmente usando-se o pretérito perfeito ou o presente histórico”.

Ao abarcar o estudo sobre gêneros textuais Bakhtin (1992), analisa que a função de tais gêneros são determinados como forma de ação social, em todo o processo da comunicação. O autor aponta que os “gêneros textuais são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”(BAKHTIN, 1992, p.101). Sendo assim, o método utilizado para a realização do presente artigo, está associado a construção de um relato pessoal que busca a partir de vivências íntimas expor uma visão sobre minhas experiências na pandemia, no intuito de abordar reflexões e evidenciar ao leitor características das práticas pessoais. Segundo Aragão:

O gênero relato pessoal agrega em sua composição constitucional, características favoráveis à construção de situações comunicativas, capazes de comover e convencer o leitor sobre determinadas experiências vividas. Tais experiências podem apresentar variantes sócio-históricas relevantes e associáveis ao cotidiano dos espectadores, promovendo mudanças significativas dentro de contextos semelhantes aos que se inserem os autores nos enunciados (ARAGÃO, 2016, p.13).

Sendo assim, a pandemia do novo coronavírus acarretou transformações em diversos setores da sociedade, com destaque para a educação. Uma alternativa encontrada pelas instituições de ensino foi aderir ao regime de aulas remotas, ocasionando em caráter emergencial o “ensino remoto”. Essa postura educacional oriunda do contexto pandêmico, afetou o cotidiano de professores e alunos em todo o país, articulando uma linha tênue entre vida pessoal e o trabalho, em que profissionais da educação ficaram sobrecarregados com o

excesso de tarefas a serem realizadas e os discentes deslocados devido a inserção de um hábito pedagógico estranho ao de costume.

Durante o período de restrições, importantes instituições educacionais, em parceria com universidades brasileiras, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) e a Universidade de São Paulo (USP), ofereceram cursos e oficinas de formação para todo o território nacional. Esses cursos que outrora eram desenvolvidos em caráter presencial, foram rearticulados dentro do contexto de isolamento.

As atividades de curta e média duração, muitas vezes associadas a grupos de importantes universidades públicas, buscaram expor para o público externo, através de palestras e lives, o trabalho realizado por esses centros de pesquisa durante o pandemia. Muito dos conteúdos exibidos nos encontros, possibilitaram estabelecer diálogos entre diferentes disciplinas da educação básica, em relação a questões sociais contemporâneas e a problemática envolta do COVID-19.

Parte dos cursos realizados nas plataformas: Youtube, Google Meet e Zoom, foram organizados através de encontros semanais, utilizando referências bibliográficas e materiais audiovisuais previamente selecionados. O objetivo dos estudos, para além de ampliar os conhecimentos do público em relação a uma determinada temática, buscaram estabelecer um espaço de troca entre os participantes advindos de diferentes realidades culturais e regionais, em meio as limitações pronunciadas pelo ensino remoto.

No âmago do medo, das frustrações e do ostracismo associado ao cenário atual, os cursos de formação tornaram-se importantes ferramentas de informação para estudantes e o público em geral, que buscaram durante o período resguardado, se especializar em diferentes assuntos.

Diante disso, descreverei três cursos interdisciplinares que tive a oportunidade de participar, no intuito de apresentar as características de cada experiência desenvolvida e o quanto tais atividades contribuíram para minha formação no contexto atual, sendo eles: O minicurso “ I-A fome no Brasil: do surgimento da abordagem nutricional aos impactos provocados pela Covid-19”, a oficina “ II-Geografias do racismo: abolição, corpo negro, favela, conexão afro-latino-americana” e o curso “III-Celso Furtado- Um economista brasileiro”.

As atividades propostas, além de complementarem as abordagens relacionadas ao universo da geografia social, das dinâmicas populacionais e do desenvolvimento desigual do território brasileiro, serviram também, de maneira genuína, como uma importante base teórico-metodológica para compreender problemáticas a serem discutidas com os estudantes quando as aulas presenciais voltarem ao seu padrão de normalidade.

I- Minicurso “A fome no Brasil”

O minicurso “A fome no Brasil: do surgimento da abordagem nutricional aos impactos provocados pela Covid-19” exibido entre os meses de setembro e outubro de 2020 em parceria

com a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB - Seção São Paulo), como parte das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho sobre as Questões Alimentares, apresentou como principal proposta pedagógica, articular diferentes perspectivas do conceito da fome no Brasil, desde o final do século XIX até os dias de hoje, passando por importantes referenciais acerca do assunto, até questões contemporâneas do cenário causado pelo vírus Sars-Cov-2.

As dinâmicas ocorreram via Youtube, sendo estruturada a partir de cinco encontros semanais, com uma bibliografia previamente enviada aos participantes e a abertura de um chat para o diálogo durante as apresentações. O curso contou com a presença de três palestrantes, sendo: Um geógrafo, uma historiadora e uma antropóloga; que desenvolvem estudos sobre a temática nutricional no Brasil a alguns anos.

Buscou-se em primeira instância, expor introdutoriamente investigações sobre o conceito da “fome”, para isso, foi utilizado como principal referencial teórico Josué de Castro e sua célebre obra “Geografia da Fome” publicada no ano de 1946. Castro foi um importante médico e geógrafo, que através de estudos empíricos e um método geográfico, analisou as carências nutricionais em extensas áreas do território brasileiro, desenvolvendo uma regionalização pautada em cinco áreas de fome no Brasil, sendo elas: área amazônica, área do nordeste açucareiro, área do sertão do nordeste, áreas de subnutrição no centro oeste e o extremo sul do país.

Para tal fim pretendemos lançar mão do método geográfico, no estudo do fenômeno da fome. Único método que, a nosso ver, permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebatar-lhe as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos (CASTRO, 1959, p.14).

Entre os palestrantes do curso, José Raimundo Ribeiro (doutor em geografia pela USP e membro da AGB-SP) buscou analisar o histórico de vida do autor citado, apresentando sua formação e os primeiros estudos nutricionais desenvolvidos por ele na cidade do Recife-PE, até sua metodologia acerca dos diferentes tipos de fome existentes no Brasil, com seus quadros sistêmicos de sub-nutrição, fome epidêmica e endêmica.

Com o avanço dos encontros, o curso buscou através de um levantamento historiográfico mostrar quais são os principais estudos sobre a fome no Brasil. Sendo assim, Adriana Salay Leme (doutora em história pela USP), através de documentos e registros catalogados dos anos iniciais do século XX, analisou as contribuições particulares de Josué de Castro sobre as condições nutricionais da classe operária do Recife e como os gráficos do período sobre patologias acometidas na juventude e na maioridade, associavam-se a falta de nutrientes necessários ao organismo humano.

A fim de alavancar as discussões, Lis Furlani Blanco (doutora em Antropologia social pela Universidade Estadual de Campinas) por sua vez, trouxe uma investigação sobre a implementação do programa do governo federal “Fome Zero” numa perspectiva antropológica das políticas públicas do Brasil. A palestrante expôs a existência de diferentes concepções do

fenômeno da fome e propostas distintas para a solução do problema, além de questionar o conceito de “insegurança alimentar” ditada por governos e utilizada em programas sociais.

Na medida em que o curso chegava ao fim, foi possível verificar através de estudos e dados estatísticos levantados, o quanto o cenário da fome em meio a maior crise de saúde pública dos últimos cem anos, evidenciou abismos sociais de renda e acesso existentes no Brasil. O curso de forma geral foi uma importante experiência que permitiu pensar em questões importantes em diferentes escalas de análise, e o quanto as “cortinas da desigualdade” estão próximas a nós e devem ser analisadas pelos estudantes em sala de aula.

II-Minicurso: “Geografias do racismo: abolição, corpo negro, favela, conexão afro-latino-americana

O minicurso “Geografias do racismo: abolição, corpo negro, favela, conexão afro-latino-americana”, foi um conjunto de atividades realizadas entre quatro encontros durante os meses de novembro e dezembro de 2020, organizado pelo Núcleo de Estudos e Extensão sobre Grafias e Heranças Africanas (NEGHA) pertencente ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As dinâmicas construídas com as palestras, foram resultado das ações promovidas pelo grupo tanto no interior da universidade, quanto em escolas da rede pública estadual na cidade do Rio de Janeiro.

As atividades foram desenvolvidas através da plataforma Google Meet, em que cada palestrante abordou um tema sobre a questão negra no Brasil. O minicurso teve como principal objetivo, explorar os lugares sociais e as relações socioespaciais da população negra em diferentes escalas, partindo da análise do “corpo” inserido em uma sociedade desigual, abordando os estigmas sociais enfrentados pela população na metrópole, até as geopolíticas envolvendo a América Latina e problemáticas raciais.

O curso teve como público alvo (professores de geografia da rede pública), no intuito de averiguar o quanto os estudos geográficos podem contribuir sobre a questão do racismo estrutural, da discriminação racial e das estruturas racistas espacializadas na contemporaneidade, afim de oferecer instrumentos para combatê-las. Grande parte da bibliografia utilizada na composição das atividades foi idealizada por autores e autoras negras, no qual muitas vezes tiveram suas pesquisas e vozes silenciadas no ambiente acadêmico ao decorrer do tempo.

As apresentações foram divididas em três momentos bem estabelecidos. Inicialmente buscou expor aos participantes, estudos científicos relacionados as temáticas, conjuntamente com as referências bibliográficas utilizadas; num segundo momento, a sala de bate papo se mantinha aberta para que fosse construído um diálogo em conjunto, afim de dar voz aos participantes e ouvir as experiências pessoais de tais interlocutores. Ao término de cada encontro uma reflexão era direcionada ao público para que fosse respondida ao longo da semana e levada para o próximo encontro como questão norteadora.

O curso buscou expor através de gráficos, mapas e dados oriundos de órgãos governamentais, as discrepantes desigualdades existentes da população negra na sociedade brasileira, e o quanto estas desigualdades resultam em uma configuração espacial contraditória, derivando fenômenos e morfologias urbanas típicas da sociedade capitalista, como: segregação, marginalização, periferização e exclusão “As desigualdades sociais se refletem no espaço urbano e as formas resultantes delas diferem em função de cada contexto específico”(VASCONCELLOS,2013,p.17).

Analisando o contexto das favelas, cortiços e áreas periféricas na configuração socioespacial da cidade do Rio de Janeiro, sendo observado os diferentes tipos de violência alçado ao corpo negro pelo Estado, o grupo NEGHA trouxe a explanação do conceito de necropolítica desenvolvida pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, e sua relação com as políticas de morte promovidas pelo Estado durante a pandemia de Covid-19.

Avançando em discussões de extrema importância para serem levadas as escolas, o curso causou um grande impacto em minhas concepções sobre o racismo estrutural e a territorialização da violência na sociedade brasileira, e o quanto esse sintoma patológico se estabelece em diferentes espaços da vida cotidiana, seja no trabalho, em casa e até mesmo na sala de aula.

III-Curso “Celso Furtado- Um economista brasileiro”

O curso de extensão “Celso Furtado- Um economista brasileiro”, realizado pelo Centro de Formação Paulo Freire em parceria com a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), fez parte de um conjunto de cursos elaborados durante o período de quarentena ofertadas pelas mesmas instituições. As atividades desenvolvidas no segundo semestre de 2020, ocorriam *a priori* de forma presencial, mas devido as novas regras sanitárias estabelecidas, os cursos foram ofertados de maneira remota, atingindo um público expressivo e muito versátil.

O Centro de Formação Paulo Freire é uma instituição de ensino associada ao MST (Movimento Sem Terra) que se localiza no assentamento “Normandia”, em Caruaru, tendo sua fundação no ano de 1998. O centro de formação esteve desde o princípio voltado para educação popular, com o objetivo de formar professores e coordenadores com uma visão crítica de mundo.

O curso foi organizado a partir de quatro encontros, através da plataforma online Youtube. As palestras foram pensadas com o objetivo de introduzir os participantes aos trabalhos teóricos de Celso Furtado acerca dos estudos econômicos brasileiros ao decorrer do século XX, e a importância de suas ideias atreladas ao desenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento no território brasileiro. Grande parte das exposições pautaram-se nos capítulos da obra “Formação Econômica do Brasil”, promovendo um diálogo com o contexto pandêmico.

Buscando criar uma cronologia histórica acerca da vida e da obra deste economista, o primeiro encontro realizado pelo Professor José Raimundo Vergolino (Departamento de

economia da UFPE) trouxe para debate, o histórico econômico da formação brasileira, abarcando as características sociais e estruturais de cada ciclo econômico. A apresentação procurou evidenciar o quanto a historiografia aliada aos estudos econômicos podem ser importantes instrumentos para a compreensão da sociedade na atualidade.

Em um segundo momento, o encontro promovido pela palestrante Juliane Furno (doutora em economia pela Unicamp) além de pautar em questões relacionadas a determinados capítulos do livro “Formação Econômica do Brasil”, levantou problemáticas sobre o subdesenvolvimento da América Latina e no Brasil e a teoria da dependência. Diante das inquietações de Celso Furtado para com o atraso do desenvolvimento do Brasil em relação as outras nações latino americanas, o autor se aventurou na compreensão de uma teoria do subdesenvolvimento vista como uma condição estrutural de determinados períodos da história.

A palestrante pontuou durante sua exposição que a eclosão do capitalismo a partir da primeira revolução industrial e da divisão internacional do trabalho fez surgir não só o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, mas também a dependência, sendo um sistema de relações entre nações formalmente independentes, mas que mantém um sistema de subordinação assegurado na reprodução ampliada do capital. Furno apresentou de maneira introdutória tais conceitos, conseguindo construir uma linha cronológica com as aulas finais.

Os últimos encontros pautaram-se no pensamento de Celso Furtado sobre a política de desenvolvimento do Nordeste e a consolidação da Superintendência do desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Tendo sido a SUDENE criada no ano de 1959, como uma forma de intervenção do Estado no nordeste, no intuito de promover o desenvolvimento na região, em meio ao processo de industrialização brasileira.

Os palestrantes trouxeram em suas exposições detalhes sobre a configuração espacial atual do nordeste e apontamentos sobre o agronegócio e a agricultura familiar. O curso de forma geral, foi importante por apresentar introdutoriamente o pensamento de um intelectual brasileiro, que deve ser visto e mencionado nas escolas, por estar em constante diálogo com as ciências humanas, evidenciando através de seus estudos uma perspectiva do retrato econômico e social do Brasil contemporâneo.

4 Considerações finais

O relato de experiência, buscou descrever parte dos cursos realizados durante o ensino remoto em meio a pandemia do coronavírus. Analisando os impactos negativos causados pelo avanço do vírus Covid-19 na sociedade brasileira, foi possível identificar o quanto o mercado de trabalho foi abalado durante o ano de 2020. Com destaque para o setor educacional, o trabalho buscou identificar no plano da vida cotidiana, as mudanças estruturais e pedagógicas do ensino inserido num contexto remoto, e o quanto as dinâmicas pedagógicas e o orçamento das escolas foram afetadas.

Diante das dificuldades de inserção no mercado de trabalho no campo educacional, busquei explorar as plataformas digitais como importante ferramenta pedagógica e informacional, desenvolvendo cursos de aperfeiçoamento durante os meses de isolamento social, no intuito de encontrar conteúdos da geografia que alavancassem discussões contemporâneas associadas ao contexto pandêmico para serem realizadas em sala de aula durante o retorno presencial.

O trabalho em última análise, evidenciou o quanto as TDICs foram ao mesmo tempo, um espaço de informação, convívio e de relações sociais diante da “nova realidade” imposta, em contraste com as limitações do ensino não presencial e as desigualdades de renda, acesso e de recursos existentes no território brasileiro.

Referências

ANTÔNIO MOREIRA, José; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. *Revista UFG*, v. 20, n. 26, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ARAGÃO, A. D. *Produzindo textos a partir do gênero relato pessoal*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe. Núcleo de mestrado profissional em Letras. São Cristóvão (SE): [s.n], 2016.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, A.T., FERREIRA, G. L., KATO, D. S. (2020). O ensino remoto emergencial de Ciências e Biologia em tempos de pandemia: com a palavra as professoras da Regional 4 da Sbenbio (MG/GO/TO/DF). *Revista De Ensino De Biologia Da SBenBio*, 13(2), 379-399. <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.396>

CARLOS, A. F. A. A “revolução” no cotidiano invadido pela pandemia. GESP- Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical (Org.). *Covid 19 e a Crise Urbana*. São Paulo. FFLCH, 2020. p. 14.

CASTRO, J. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1959.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

EMPREGABILIDADE E ENSINO SUPERIOR NA PANDEMIA. Disponível em: [<https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/estudo-empregabilidade-pandemia.pdf>] Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

FILHO, M. M. S. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia Covid-19. *Rev. Tamoios*, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 3-15, maio 2020

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LEVEBVRE, H. *O direito à cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2016.



SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

VASCONCELOS, P. A. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, P. A; CORRÊA, R. L; PINTAUDI, S. M (Org.). *A cidade contemporânea – segregação espacial*. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 17-37.